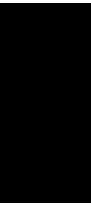


Comunidades essenciais, legiões demoníacas

Literatura e comunidade,
redes e multidão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
REITORA Sandra Regina Goulart Almeida
VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG
DIRETORA Carla Viana Coscarelli
VICE-DIRETORA Camila Augusta Pires de Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL
Carla Viana Coscarelli (Presidente)
Ana Paula Paes de Paula
Anne Caroline Lana da Silva
Camila Augusta Pires de Figueiredo
Cristina Mariano Ruas
Eduardo Ferreira da Silva
Emília Mendes Lopes
George Rembrandt Gutlich
Henrique Cesar Pereira Figueiredo
Kátia Cecília de Souza Figueiredo
Kleyde Ventura de Souza
Livia Maria Fraga Vieira
Lorena Tavares de Paula
Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra
Mauro Lúcio Leitão Condé
Raquel Conceição Ferreira
Rita de Cássia Lucena Velloso
Rita Lages Rodrigues
Varley Teoldo da Costa
Weber Soares

ALEMAR SILVA ARAÚJO RENA

Comunidades essenciais, legiões demoníacas

Literatura e comunidade,
redes e multidão

 Incipit

© 2026, O autor

© 2026, Editora UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

R393c Rena, Alemar Silva Araújo.

Comunidades essenciais, legiões demoníacas : literatura e comunidade, redes e multidão / Alemar Silva Araújo Rena. – Belo Horizonte : Incipit, 2026.

227 p.

Originalmente apresentado como tese do autor em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais sob o título: Comunidades essenciais, legiões demoníacas : multidão, literatura e riqueza comum.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-88592-43-4

1. Criação (Literária, artística, etc.) 2. Comunidade. 3. Linguagem.
4. Literatura e filosofia. II. Título.

CDD: 809.933

CDU: 82.091

Elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária – CRB-6/1390

COORDENAÇÃO SELO INCIPIT Jerônimo Coelho

DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva

COORDENAÇÃO GRÁFICA Fernando Freitas

DIAGRAMAÇÃO E MONTAGEM DE CAPA Alessandra Magalhães

IMAGEM DE CAPA Gregory Barsamian (Die Falle, 1998)

PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – CAD II / Bloco III

Campus Pampulha – 31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: + 55 31 3409-4650 – www.editoraufmg.com.br – editora@ufmg.br

Agradecimentos

Agradeço à minha família, em especial a meus pais. Agradeço à Profa. Dra. Myriam Ávila, pela parceria de orientação que gerou este texto. À CAPES, que financiou esta pesquisa tanto no Brasil quanto em sua passagem pela Inglaterra. À FALE e ao Pós-Lit UFMG, por terem sido minha casa nessa longa caminhada, e por apoiar integralmente esta publicação. À Editora UFMG, pela competência em seu firme suporte à divulgação do conhecimento no país. A Michael Hardt, pela memorável cerveja numa calçada qualquer carioca e pelas generosas dicas sobre o encontro entre literatura e multidão. Aos colegas do grupo de pesquisa Indisciplinar, em especial Marcelo Maia e Natacha Rena. Ao Pedro Rena, um parceiro sempre presente.

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	9
	Ivete Walty	
	APRESENTAÇÃO	17
	PARTE I	
	NO COM DE TODAS AS FALAS: LITERATURA, MULTIDÃO E MODERNIDADE	
	1. A ficção das massas	33
	2. <i>Nomos, Polis e gravitas</i> : o corpo em movimento como gesto e política	51
	3. Poder, melancolia e o "ser qualquer" em Drummond	69
	4. Logos e semiótica afetiva: palavra e gesto; poesia e revolução	91
	5. Comunidades essenciais, legiões demoníacas: Dostoiévski e a revolução	103
	PARTE II	
	FAZER A MULTIDÃO, EXPOR A COMUNIDADE: PERIFERIAS E REDES	
	6. Semiocapital e pensamento nômade	131
	7. Da margem à multidão: a centralidade e o êxodo dos pobres	147
	8. A desmedida do comum: invenção da rede como êxodo da modernidade	163

169 9. Narrativa, poesia e performance
oral como resistência e cura

177 10. Cartografia literária e artística: comunidades e ruas

PARTE III

A SINGULARIDADE PLURAL

193 11. O esgrimista e a multidão:
a singularidade-plural em Baudelaire

207 12. A vontade de potência
como vontade de multidão

217 REFERÊNCIAS

Prefácio

Quando se inicia a leitura deste livro, ainda nas dedicatórias, o leitor depara-se com a expressão “pesquisa indisciplinar”. A tendência, ditada pelas classificações dominantes, é achar que se trata de um erro de digitação e logo corrigir por interdisciplinar. Esse simples termo, no entanto, indicia caminhos de leitura deste livro. Por isso mesmo, uma palavra-chave que se segue é mobilidade.

Discorrendo sobre os modos e lugares de habitar a terra na Idade Média, o autor mostra como, entre os senhores feudais e os vassallos, circulam grupos fora de controle, e afirma:

Ser móvel significava existir nas margens; menestrelis, trovadores, andarilhos, peregrinos não possuíam um lugar definido na sociedade; não eram nem camponeses nem nobres, e portanto eram vistos como nômades, multidão vagante. (p. 56)

Ele mesmo em movimento, Alemar Rena percorre os caminhos da história para mostrar como, em diferentes épocas, configuram-se grupos de poderosos e daqueles que a eles se submetem, apontando sempre as formas de escape de tal esquema.

Lembremos aqui como Carlo Ginzburg já mostra, em *O queijo e os vermes*, como a leitura da bíblia era interdita aos camponeses, pelo risco de subversão. A história do moleiro Menocchio repete-se através dos tempos e das sociedades, como na Inquisição e outros momentos repressores e/ou ditatoriais. O controle dos grupos sociais passa, pois, pelo controle da leitura. Nesse sentido, o título do livro é bastante sugestivo desse movimento que vem da época mencionada a nossos dias. O movimento de corrupção do queijo pelos vermes seria o mesmo daqueles que os grupos, sobretudo os mais vulneráveis, fazem dos processos sociais e culturais, criando obstáculos que os desviam das rotas planejadas. A corrupção, em seu processo de fermentação, é outra face da criação. De engendramento do novo, como se pode conferir em diferentes momentos da história.

Discorrendo sobre o fim do período medieval, Rena mostra como os grupos insubordinados e errantes aumentam com “a liberação dos servos por toda a Europa”, o que teria produzido “uma malta de ambulantes malandros e guerrilhas avançadas que invadiam cidades e ameaçavam a ordem” (p. 6). Na sequência, criam-se novos mecanismos de vigilância como os hospícios e as prisões, metonímias de um governo central que detém o poder do controle. Este tipo de controle, no entanto, estimula um “contrafluxo”, “uma espécie de potência cinética ou *nomos*, que se contrapõe ao fluxo comercial e à metrificação do Estado” (p. 64).

É, então, que o autor elege o conceito de multidão, de Hardt e Negri, para lidar com essas diversas formas de escape ao controle, voltando sua lente especialmente para a relação entre multidão e literatura.

Nesse universo delineado, além da reflexão de historiadores e filósofos, Rena toma, por exemplo, a poesia de Drummond e a ficção de Dostoiévski, brindando o leitor com uma arguta análise, ao mesmo tempo, poética, política e histórica. Nesse movimento de escrita, o autor instiga o leitor a abrir outras trilhas em seu texto ou nos textos aí estudados, como por exemplo, uma possível busca de ler *A rosa do povo*, do poeta mineiro, ou *Crime e castigo*, de Dostoiévski.

Uma outra palavra-chave se salienta, juntando-se, paradoxalmente, à multidão. Esta palavra é subjetividade, ou melhor subjetivação. E é nesse processo de subjetivação que o sujeito se constrói frente ao outro, em um movimento de resistência. Diz Rena, referindo-se já a tempos mais atuais:

Todos os dias uma multidão de usuários se apropria de informações, formas, imagens e linguagens e desestabilizam suas intenções originais instaurando novas leituras e possibilidades de sentido. Numa esfera mais radical, surgem desse caldo

indisciplinado coletivos, artistas e ativistas marginais que, com a ajuda das veias sílicas, recriam mundos, sabotam empresas e até fazem tremer os governos. (p. 157)

Esse movimento de apropriação, natural do ser humano, na busca de vencer a morte, torna-se mais necessário aos grupos vulneráveis. Não sem razão, Alemar Rena, neste livro que ora prefacio, discorrendo sobre movimentos ingleses do século XIX, sobretudo o cartista, afirma:

se o discurso do movimento cartista e de sua poesia instauram um antagonismo classista que, em alguma medida, olha para o lado e injeta indisciplina na cultura literária pelo simples fato de utilizar-se de formas populares intoleráveis para a elite intelectual (mas mais ainda por ousar publicar estas formas em livros, ultrapassando as bordas da cultura oral ou jornalística), ao mesmo tempo essa poesia volta-se para as instituições logocentradas com as quais deseja negociar, isto é, a instituição literária e o Estado. (p. 108)

E, justamente, faz uma grande parábola para colocar em cena os movimentos da literatura periférica no Brasil, como anunciara páginas antes: “Da escrita de presidiários à convicção de que o caminho é o olhar para o lado, para sua comunidade, a história se repetirá cento e cinquenta anos mais tarde” (Ver nota na p. 108).

Interessante notar que o autor recorre a Benjamin, Nietzsche, Deleuze e Guattari para delinear suas linhas de pensamento, sempre levando em conta o conceito de mobilidade, com os conceitos de pensamento nômade ou máquina de guerra, por exemplo. E como alguém que se quer indisciplinado, apresenta ao leitor sua metodologia de trabalho, destacando a “coleta de pistas (anti)metodológicas para se pensar a multidão” (p. 215). Nomeia, então, a copesquisa como “uma metodologia de pesquisa-ação que implica o pensamento crítico na participação e integração social” (p. 215). E continua:

uma pesquisa multitudinária pode pautar-se, ela mesma, no âmbito dos conceitos, pelo princípio da cartografia, uma multiplicidade heterogênea com diferentes portas de entrada e saída, diferentes dimensões, diferentes agenciamentos, conformando um mapa com vetores de malta, de multidão, de singularidades-plurais e de coletividades pensantes. (p. 217)

É, então, que nossas rotas se cruzam, dado que venho trilhando esses mapas e percursos há alguns anos, buscando analisar a produção cultural ligada à

população de rua, seja aquela que a toma com objeto, seja aquela em que se faz sujeito. Em livro de 2014, intitulado *A rua da literatura e a literatura da rua*, tomei como objetivo:

Delinear as configurações da rua como metonímia de passagens culturais, na narrativa brasileira a partir do século XIX, em sua relação com a população iletrada e/ou marginalizada, à luz dos conceitos de multiculturalismo e transculturação e de outros ligados a tal contexto. Dessa forma, as ideias de exclusão e inclusão, inerentes a qualquer processo seletivo, serão conjugadas com os mecanismos do processo socioeconômico e cultural de determinados momentos históricos. (2014, p. 18)

Releio-o agora, à luz do que estou aprendendo com Alemar Rena, quando lista os vetores do que chama de copesquisa, “reaplicados ao contexto das pesquisas multitudinárias” (p. 215):

1) conhecimento situado subjetivamente, aprendendo com a experiência do outro ao mesmo tempo que compartilhando e fazendo circular os saberes e hipóteses; 2) contribuição para a auto-organização da comunidade e dos próprios pesquisadores e comunidade acadêmica. Em outros termos, “conhecer para transformar” e “transformar para conhecer”; 3) ausência de distinção entre sujeito e objeto da pesquisa, devendo esta avançar em permanente autocrítica e mútua implicação entre experiência e teoria; 4) centralidade dos problemas da autonomia. (p. 215)

O primeiro e o terceiro itens referem-se a uma preocupação que atravessou o desenvolvimento de minha pesquisa, em suas várias fases, como se pode ver no título do livro publicado em 2005 *Corpus rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana*. Naquele momento, depois de ter estudado narrativas indígenas em minha tese de doutoramento, e concluído que esses povos tinham sido sempre objeto dos colonizadores, dos religiosos, dos mineradores e exploradores de madeira, perguntava-me se também eu, tomando-os, tanto os indígenas, quanto a população em situação de rua, como objeto de pesquisa, não os fazia fixarem-se nesse mesmo lugar, o de objeto. A esse respeito, diz Rena:

(...) os escritores e artistas frequentemente evitam o contato com o pesquisador que os colocam no lugar do objeto, isto é, de uma meta definida *a priori* segundo os interesses dos “centros”, ou melhor, da instituição e do pesquisador. A demanda é, repetidamente, a mesma: “não queremos ser objetos de uma pesquisa que apenas alimenta o sistema e permite com que existamos porque esse mesmo sistema nos

permitiu existir. Não queremos que a voz nos seja dada. Nós já temos voz”, parecem reclamar os artistas da periferia. (p. 208)

Verdade que quis ouvi-los, tomando-os como sujeitos que dizem eu, dirigindo-se a um interlocutor, em uma cena enunciativa, pois, como considera Benveniste, os únicos pronomes de uma língua são eu e tu (você). O Ele não é pronome porque diz do referente e não dos sujeitos. Por isso mesmo, a sociedade aloca alguns segmentos sempre fora das cenas enunciativas por ela reconhecidas.

Embora já tivesse essa consciência no momento da escrita, não compartilhei senão incipientemente minhas hipóteses com aqueles de que estudei as narrativas. Mesmo que tenha partilhado com parte das comunidades, inclusive a acadêmica, também não contribuí “para a auto-organização da comunidade”, sem, conseqüentemente, colocar em prática as máximas “conhecer para transformar” e “transformar para conhecer”.

Por outro lado, alguns dos achamentos de Alemar ratificam minha certeza de que só se pode estudar a língua ou a literatura de quaisquer grupos considerando as cenas enunciativas ali envolvidas: – quem fala e para quem se fala? Dessa forma, formam-se os sujeitos, seus tempos e espaços, circulam suas vozes.

Assim, lembrando que uma palavra que me dirigiu foi parceria, retomo as palavras de Nancy, citadas por Rena para explicar a expressão “falar com”:

“‘falar com’ é a conversação (e sustentação) e conatus de um expor-se (...) A ‘língua’ não é um instrumento da comunicação, e a comunicação não é um instrumento do Ser; a comunicação é o Ser, e o Ser é, como consequência, nada mais do que o incorpóreo pelo qual os corpos se expressam uns aos outros como tal” (2000, p. 92-93, trad. nossa) (p. 198)

Em caminho oblíquo, volto a Benveniste quando afirma que a língua não é instrumento de comunicação, mas processo constituinte da mente humana, lembrando com os cognitivistas que a mente é corporificada. Ressalto, pois, com Rena, “o *com* enquanto produção transitiva dos sujeitos sociais, a própria impossibilidade de separar a atividade criativa da tarefa do comum.” (p. 214)

Viver com, ler com. Li com Alemar e os convido a ler conosco, indisciplinarmente.

Ivete Walty

Belo Horizonte, NOVEMBRO DE 2025

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.
- WALTY, Ivete. *Corpus rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana*. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2005.
- WALTY, Ivete. *A rua da literatura e a literatura da rua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.